



CRETO

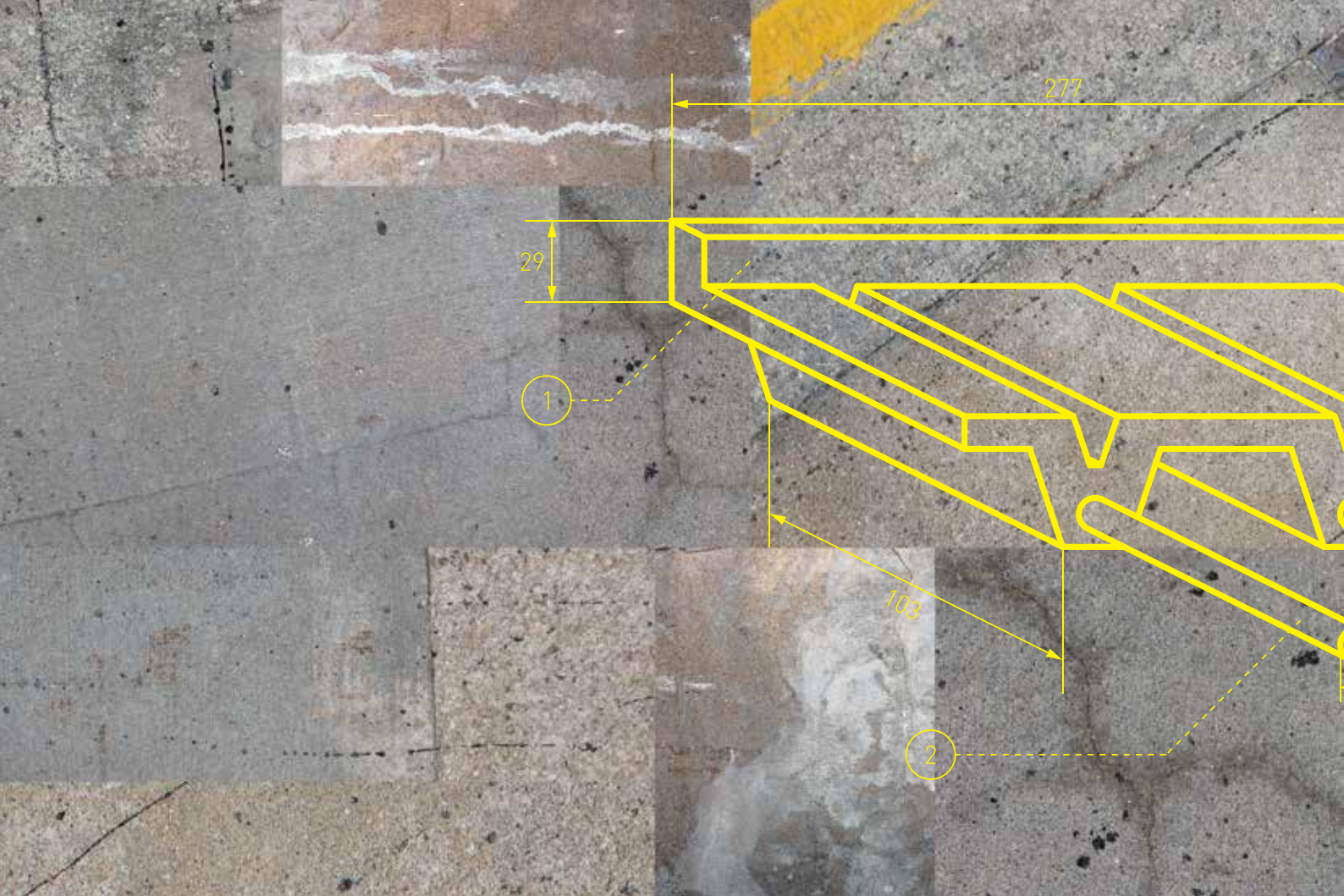
ARMADO

PRESENTA

CON

AR

TEATRO INOMINÁVEL AP



273

29

1

103

2



92
11
11

Quinto espetáculo da companhia carioca Teatro Inominável, Concreto Armado começou a ser gestado em novembro de 2011, quando a revista Le Monde Diplomatique Brasil publicou uma edição com matérias sobre os impactos da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. De lá para cá, foram muitos encontros, muitas leituras,

184

conversas e compartilhamentos de olhares sobre o nosso mundo e sobre o nosso dia-a-dia. Num momento seguinte, a investigação se fez por meio da realização de um Programa de Performances, ações criadas a partir das temáticas em jogo e realizadas em pontos diversos da cidade do Rio de Janeiro. - 5

Neste programa do espetáculo, apresentamos informações sobre as ações complementares à temporada carioca, dizeres dos criadores (atores, dramaturgos e diretores), bem como breves olhares escritos por alunos a partir de pesquisas desenvolvidas na graduação em Direção Teatral da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

138

Se eu pudesse escrever um longo poema
capaz de abraçar todo o mundo
Um poema de muitas línguas
feito por mãos distintas
que não só as minhas
Se eu pudesse escrever um poema
e nele pudesse transformar
estrofe em abrigo
verso em abraço
e rima em beijo
preciso e ritmado
Se eu pudesse escrever
um só poema
e nele fosse possível
devolver o medo
a cada peito
e a dúvida
a cada resposta dada

Se eu pudesse escrever poema
não como remédio
mas como sintoma
de que esse mal estar
faz parte do nosso corpo
faz parte desse tempo
e é
e sempre será
responsabilidade nossa
Se eu pudesse escrever a vida
sem segredos
e se eu pudesse com tantas linhas
e versos
ir costurando o corpo apartado
ir cosendo de volta
o preto
no branco
com o vermelho

fazendo rosa escuro e claro
Se eu pudesse um poema
para conviver a diferença
Poema lágrima
que desespera
e acalenta
Poema morte
que germinasse
de volta
as cinzas
a cada vento
Se eu pudesse escrever um longo poema
desses
Ele sem dúvida alguma
seria um romance
e se chamaria Teatro.

Diogo Liberano, diretor e dramaturgo

DA CIDADE AO PALCO

Conversar quase não era possível, as discussões acaloradas tomavam conta dos nossos encontros. Lembro-me das palavras reverberando no corpo, das lágrimas saltando aos olhos, do emaranhado no estômago e das falas sobrepostas. Lembro-me das minhas sensações, das nossas, da densidade do ar, das pupilas dilatadas, das bocas trêmulas e das mãos nervosas. Lembro-me das pilhas de livros, revistas e jornais, da nossa perplexidade e do nosso desejo de agir. Concreto armado estava ganhando corpo em nós.

A pequena sala em Vila Isabel em que nos reuníamos ficou minúscula. A cada encontro, a cada nova informação, a cada nova abertura de olhar, mais apertado ficava o lugar. Lá dentro estava a paixão pelo futebol, a indignação com o poder público,

nós começamos falando de abertura de olhos, de abertura do olhar.

num exercício, pedimos que cada um dos atores fizesse uma lista de 7 momentos da vida que tivessem sido responsáveis por lhes ter aberto os olhos de maneira que não fosse mais possível fechar, e o nome dessa lista deveria ser o nome de um professor que tivesse lhes aberto os olhos de maneira que não fosse mais possível fechar. os nomes desses professores - nós sabíamos, eles não - seriam os nomes dos personagens desta peça.

nós nos perguntamos sobre como usar a obra para abrir espaços para além da obra.

nós nos perguntamos sobre como poderíamos, em vez de usar o teatro pra falar do teatro, usar a vida para falar da vida.

nós estamos nos perguntando onde a ficção pode reescrever o real e adicionar a ele alguma transformação. nós temos muitas perguntas. o resto é só desejo e tentativa.

obrigada diogo, pelo convite, pelo abraço, pela confiança; por me querer do teu lado pra fazermos juntos uma coisa tão preciosa quanto essa de fazer uma coisa juntos.

obrigada adassa, andrêas, marina, flávia, gunnar, natássia, helena e laura.

é uma honra e uma escola pra mim, estar a perguntar junto a vocês.

Keli Freitas, dramaturga

a copa do mundo, a FIFA, a falta de transparência do governo e a falta de participação popular, o desrespeito aos cidadãos, a lei de exceção recorrente, a elitização do espaço urbano, o superfaturamento, a repressão, a truculência, o endividamento, a especulação imobiliária. Tudo era muito maior que a sala, muito maior que a gente.

O que fazer com tudo isso? Construimos o Programa de Performances, nossa resposta à sala abarrotada, um diálogo reto e direto com o Rio de Janeiro, uma bomba-relógio em contagem regressiva para a criação da peça:

NOVE... Maio de 2013. Andrêas faz o caminho de Jacarepaguá ao Centro a pé, pelo direito de ir e vir, contra as taxas abusivas dos transportes públicos. Poucas semanas depois

acontece a grande manifestação contra o aumento das passagens de ônibus. OITO... Junho de 2013. A besta e o porco transitam pelas ruas do Rio de Janeiro com seguranças, motorista e fotógrafos. A utilização de uma máscara impede que eles entrem em alguns espaços. Flávia... SETE... Julho de 2013. Gunnar, tingido de vermelho, deita-se em frente à igreja da Candelária, à sua frente carne moída crua e atrás uma barraca armada sobre o concreto. SEIS... Agosto de 2013. No dia de seu aniversário, Adassa ocupa área do entorno do Maracanã com sua MANY[festa]AÇÃO. A resignificação... CINCO... Setembro de 2013. Natássia vai até Praça Seca conversar com moradores da região. Propõe a construção de uma cidade feita especificamente para cada um deles. O indivíduo como exceção dentro da soci... QUATRO... Outubro de

2013. No palco do Glaucio Gill, Diogo e uma violinista falam quase que ininterruptamente, ele com palavras, ela com fricções agudas, brilhantes e estridentes, eventualmente aveludadas. Falam sobre as planícies oprimidas sob o estádio, sobre as existências violadas, sobre... TRÊS... Novembro de 2013. Amordaçada, Taís tem seu grito contido e preso. Através do caderno à sua frente propõe aos passantes que se manifestem. DOIS... Dezembro de 2013. Helena funda o espaço de preservação de um cotidiano lúdico e solidário nos arredores da estátua de Drummond, em Copacabana. O corte da faixa de inauguração foi feito a muitas mãos... UM... Janeiro de 2014. Pequenos bilhetes com desejos, conselhos, recados, revelações, notícias são recolhidos em envelopes individuais e anônimos na praça da Cinelândia,

FISSURA ADENTRO

na antiga capital (Rio de Janeiro) e na Praça dos Três Poderes (Brasília). Duas perguntas são feitas: Qual o monumento daquela outra cidade que poderia sumir? Qual o monumento da sua cidade que poderia sumir?... ZERO.

Natássia Vello,
integrante do Teatro Inominável

Negar o que está posto me parece ser uma das motivações fundamentais pela qual um cidadão sai às ruas com o corpo em riste frente aos desmandos que sofre em sua vida cotidiana, e também o que leva o artista a subir no palco e, nesse ambiente artificial que lhe cabe, promover tensões e ampliar debates acerca do que convencionamos como real. Esse estatuto de negação, dentre outras abordagens, nos permite observar uma vontade de reinvenção de espaços e uma luta contra as organizações hegemônicas que acabam por usufruir das estruturas e forjá-las a seu gosto e interesse.

Aplicando esse princípio analítico à lógica do manifestante, percebemos que suas pautas dizem respeito ao questionamento do modelo de cidade que o enfiar goela e porta abaixo. Para promover a ruptura

dessa forma é preciso que o cidadão tateie as estruturas que o oprimem e descubra suas rachaduras. Essas brechas versam sobre uma espécie de calcanhar de Aquiles das certezas. Elas são fundamentais para revelar a contradição do projeto encampado, através delas que as fragilidades representativas são expostas, e na justa medida do seu alargamento\aprofundamento e do alinhamento ao que já temos de garantido é que os direitos podem ser ampliados. No regime das artes, e mais especificamente das cênicas, modelos e sistemas normativos também dão conta de cristalizações estéticas. Essa cooptação não atende somente um vetor explícito e sumariamente evidente, trata-se também de um jogo de envolvimentos e sutilezas destilados durante as camadas que compõe um processo de construção de

uma obra. Essa modulação propõe uma adequação a palatos medianos e uma suavização ou mesmo a ausência do enfrentamento no campo discursivo. Para tanto, porém, assim como a cidade apresenta suas frestas, o artista também as encontra em sua escala de criação e produção. E é justamente nessa fenda que o coreto das métricas pré-estabelecidas balança, ou seja, a sensação de estabilidade sofre um baque e as certezas passam a ser confrontadas.

Essa intervenção em via negativa - que tem por mérito a ação no contra fluxo do estabelecido - tanto por parte do cidadão como pelo artista não é necessariamente uma tentativa de aniquilação de suas entidades representantes: a cidade e a obra de arte, no caso o teatro. Trata-se aqui de perceber o quanto a formulação

desses espaços não atende a desejos comuns e fundamentais dessas comunidades, e como a expressão desse descontentamento - que tem dentre outras expectativas, a autonomia e a ampliação de direitos - dá-se como feito um berro, é mesmo um ruído na melodia dos conteúdos. As porosidades da obra de arte e da cidade não são excludentes, ao contrário elas se tocam constantemente. Nesse sentido o atravessamento artista-cidadão é inevitável e promove colisões no campo estético e social. O artista-cidadão percebe que as monopolizações dos meios de produção são destinadas a fins que ele julga não lhe satisfazerem, e a captura do poder discursivo está plasmada por escalas hierárquicas. O tanto que vilipendiam os direitos de sua vida ordinária é equiparado ao

tanto que cerceiam sua autonomia criativa. E esse colapso de interesses é um fundamental detonador do processo de ruptura.

Um dos elementos já mencionados que está em disputa a todo instante e inevitavelmente se faz presente no campo estético é o discurso. Recorrendo ao verso “a dor da gente não sai no jornal”, da canção popular Notícia de Jornal de Haroldo Barbosa e Luís Reis, temos uma pista do direcionamento e dos interesses envolvidos nas enunciações midiáticas. O mito da imparcialidade é reforçado a todo instante por quem detém a veiculação da informação, porém no presente tempo a internet e outros meios de comunicação recentes promovem atritos e abalos a esse campo de certeza da validade e do interesse da informação. A noção

de verdade é posta em xeque a todo instante. E costumeiramente a palavra teatro é utilizada para designar esse fingimento midiático, esse jogo de interesses desmascarado a todo instante, mas negado ao mesmo tempo por quem o faz. Nesse sentido se faz necessário ao artista uma conceituação de sua linguagem: ficção não é mentira, trata-se de uma estratégia para organizar determinados signos de um modo inteligível. Posto isso, é possível que o que se passa na cena problematize qualquer instância do real, mesmo não o sendo de modo estrito. E o campo discursivo promove atores (literalmente) importantes. Recuperando o verso acima é como se pudéssemos parafraseá-lo: “como a dor da gente não sai no jornal, é preciso que ela escorra cena a fora”. Trata-se, portanto, de um nível de necessidade, é através da linguagem

cênica que esse artista vai expressar aquilo que irrompe do seu corpo e que encontra paridades e impossibilidades em outros meios.

A viagem de “Concreto Armado” é por essas fissuras, é o enfrentamento dos limites daquilo que nos é imposto como algo natural a ser consentido. Nesse percurso nota-se que os espaços significativos para uma comunidade apresentam-se como dignos de representação e problematização no que diz respeito a seus destinos, já que foram outorgados em favor de interesses escusos. Logo a escolha do Maracanã é estratégica e precisa. O “maior do mundo”, como ficou conhecido durante décadas, contém a história de uma cidade, tem relação direta com a vida cotidiana do cidadão e também com sua acepção mágica como espaço de

jogo. O Maraca também transborda seus limites e abarca em suas ramificações pilares importantes como uma escola e uma aldeia indígena, que dão conta de fortalecer ainda mais sua dimensão simbólica. Portanto, a ficção aqui acaba por exprimir o desejo coincidente do artista-cidadão, e nesse limite tão tênue entre o que se vê e o que se pode fazer é que a fissura ganha relevância e potência.

Bruno Marcos, aluno da pesquisa “Poéticas da Negação”, ministrada pela professora Livia Flores, no curso de Artes Cênicas: Direção Teatral da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O CORPO E O CONCRETO

É pau, é pedra, é perimetral derrubada, mergulhão interditado, calor no ônibus por R\$3,00 e metrô lotado por R\$3,20 e remoção de morador de favela maracanã pra rico preto amarrado em poste gay sendo espancado no aterro do Flamengo polícia militarizada manifestante levando bala de borracha descaso secular UPA com espera de seis horas UPP chegou e o tráfico acabou? e milícia pra todo lado medo de sair na rua classe média gritando “mata!” alienação manipulação da paixão delegacia da mulher com homens machistas e a ditadura da FIFA a maquiagem da cidade o bonde de Santa Teresa que não voltou até hoje a faxineira do meu trabalho que tem que sair mais cedo porque o morro está em guerra o Rio sendo montado pra turista política higienista sete reais num salgado e a angústia: o que eu faço com tudo isso?

Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 2014, 10h. Estou prestes a entrar em sala de ensaio. No caminho para a faculdade, passo pela calçada em frente a IBM, palco de um dos horrores recentes da metrópole: um menino negro foi amarrado pelo pescoço a um poste e deixado nu, à forma de um castigo, uma lição.

Rio de Janeiro, 05 de fevereiro de 2014, noite de extremo verão. Estou num apartamento no Flamengo, jantando com amigos. No mesmo dia, fui a um ensaio de Concreto Armado e oxigenei discussões em torno do Estádio Jornalista Mário Filho. Arena circular, não mais popular, reformada e entregue à iniciativa privada. 20h34min, ouvimos um barulho de tiro. Corro da cozinha para a varanda em tempo de ver a polícia perseguindo um homem negro. Ele corre para uma rua sem saída onde

armam tocaia. Os moradores da rua Machado de Assis vão para suas janelas e alguns gritam “atira nele!”, “mata esse filho da puta!”, “acaba com ele!”. Do alto de suas casas, os residentes enxergam a cena na rua e se enxergam uns aos outros. Eles pedem pela vida do marginal. Penso no Coliseu de Roma.

Escola de Comunicação da UFRJ, 20 de janeiro de 2014. Desabafo: trafegar por essas ruas já não é a mesma experiência. Meus sentidos não conseguem ignorar esse asfalto impregnado de vertigem. Uma tensão trágica sempre presente se faz cada vez mais evidente no chão da cidade. O óbvio grita: uma multiplicidade de discursos políticos se enfrenta e níveis diferentes de engajamento se encontram e disputam voz. A cidade é cenário de realidades paradoxais: vai e não vai ter copa.

103

Abro o Dicionário Brasileiro de Teatro: a palavra é "arena". O espaço da arena foi muito usado pelo teatro religioso no século XVI. Em 1951, voltou a ser utilizado como alternativa à cena italiana. Em 1958, Augusto Boal aproveitou essa disposição para acolher um teatro protagonizado por classes populares. A arena elimina o ponto de vista do rei e "equaliza" a visibilidade.

92

Sentados, podemos enxergar-nos uns aos outros e à cena. Essa formação foi fortemente utilizada pela resistência nos 20 anos que se seguiram ao golpe de 64. Resistência ao ponto de vista hierárquico e autoritário. Resistência ao formato que nos impede de olharmos uns aos outros. Resistência da arte. Arte que resiste. Teatro e resistência. Fecha livro.

11

Em Concreto Armado, a arena acolhe tensões que explodem causa e efeito.

O corpo não se explica por decalque. O corpo não se explica. A presença é conflito atravessado por infinitos vetores do presente. Essa peça fala do Maracanã. Mas penso que trata de qualquer absurdo que se faz presente e impossível de ignorar, desterritorializando corpos. Lembro da Grécia Antiga.

17

No palco arcaico, a tragédia apresenta um corpo em tensão entre a cidade e os Deuses. Corpo em crise. Corpo-crise. Basta recobramos o dilema do Agamémnon de Ésquilo: corpo dividido entre sacrificar sua filha ou faltar com as obrigações de um chefe militar. A experiência da tragicidade diz respeito a uma desorganização e a um não saber. Esta condição não é uma escolha: o homem atira-se (ou é jogado) ao imponderável, mergulha em indefinição, partilhando seu estar com forças que jamais entenderá ou

alcançará em sua plenitude e que o tempo todo exercem poder sobre ele.

Já estamos mergulhados em concreto armado, basta olhar ao redor. Agora, eu estranho essas ruas, que não posso evitar, e esse estádio, que não consigo ignorar. Estranho minha cidade, de onde não posso fugir. Estranho o jogo de forças que arquiteta esse cimento e do qual não tenho escolha senão fazer parte. Estranho as imagens que não consigo arrancar da minha memória. Estranho, inclusive, esse ensaio e essas palavras que, assim que escrevo, quero apagar do papel.

Natã Lamego, aluno da pesquisa "O Trágico e a Cena Contemporânea", ministrada pela professora Carmem Gadelha, no curso de Artes Cênicas: Direção Teatral da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Corpo em experiência. Rio de Janeiro. Consciência coletiva. 2013. O que vivemos. O que vimos. O que sentimos. O que aprendemos. Reorganização interior: reflexões, indagações, sensações, proposições. Entendimento coletivo, afinação do todo, diálogo. Caráter destrutivo: entender o que parece tão contrário, tão errado. Viver tudo isso. Engolir tudo isso. Assimilar tanta coisa. Criar novo corpo. Criar novo discurso. Entender a ruína, aceitar a violência, olhar pelo avesso, falar ao oposto. Diferença. Indivíduo. Espaço público. Habitar. Confluir. Se apresentar à cidade. Ampliar a noção de casa. Deparar-se com o organismo-sociedade, organismo-cidade, organismo-indivíduos. Reentender estas palavras. Entender estas palavras. E agora, dar-se em experiência ao outro-você, via outro-

personagem, possibilitado pela outra-eu e juntos, abraçados pela nova-outra-cidade.

29
Adassa Martins, atriz

A peça que se inicia diante dos olhos de quem lê este programa é apenas um ponto de um percurso... aviso.

É um ponto potente e que sofre a necessidade de ter que dar conta de tanto.

Expressar já não parece tão possível assim... impossível também não é.

CONCRETO ARMADO lança mão de sutilezas para tratar as grosserias... dramaticamente poética.

Os gritos já estão todos presentes, mas em silêncio. Pois é hora de pensar para gritar.

Dar forma a esse grito imenso já não parece mais possível, mas não é impossível.

Me vejo sambando para disfarçar a dúvida e ao mesmo tempo fazer fritar a indignação no estômago.

1

2

A arena para CONCRETO devia ser uma panela de pressão apitando, anunciando o estouro. Mas não causemos alarde.

Melhor é a imagem de um calmo rio que segue contínuo e transborda e banha e resfria e... e leva... com amor.

Andréas Gatto, ator

Tatuderrado. Uma plaquinha pendurada nas costas de um tatu gigante que pulava o carnaval de 2014 no RJ como se fosse um boneco de Olinda, o boneco tatu. A frase escrita na placa me inspirou um grito e um gesto. Gritei a frase e apontei para o boneco. A banda parou e no segundo seguinte iniciou outra marcha outra toada, fiquei pausada por mais alguns segundos. Isso foi em um bloco de carnaval chamado boi tolo (corpo multidão, corpo arroba, corpo partícula, corpo tribo).

Vinte minutos depois todos nós, e éramos muitos, estávamos no museu de arte moderna do Rio de Janeiro (oh famosa arquitetura meu rio!) saudando orixás e costurando o grito de não vai ter copa nas marchinhas tradicionais. Uma salada de frutas tropicais à la Carmem Miranda antes dos boatos de que ela estaria americanizada. De

arrepiar o espírito dos estrangeiros mais conscientes.

Estou falando disso no programa da peça Concreto Armado?

Sim.

Mesmo tendo tanto para falar sobre nossos dois anos de trabalho ao redor deste projeto sonho seco do sertão de nossa existência cotidiana, me pareceu mais orgânico falar sobre o que aconteceu ontem no MAM. E hoje, e amanhã, e todos os dias acontecerão coisas que são “Concreto Armado” para mim. A nossa peça projeto foi colhida, plantada de momentos como este que eu vivenciei ontem. Momentos onde a realidade salta e envolve o corpo nos despertando para a potência do porvir e do estar sendo. A nossa peça foi regada por água performance, e foram muitas as rodas nas quais a equipe

se encontrou. A gente veio assim: devagarzinho, mas com urgência. A arena é só uma passagem. Que o dom da vida nos seja pleno. Adiante.

Caroline Helena, atriz

Concreto Armado não é só uma peça de teatro, é também um programa de performances que teve início em maio de 2013 e se encerrou em janeiro de 2014. Concreto Armado não é só teatro, nem só performance, é também a cidade do Rio de Janeiro sendo multiplicada pelo olhar de artistas e espectadores, cidadãos e transeuntes. Concreto Armado é também e, sobretudo, abertura de olhar. Olhar que não só atravessa a cena teatral ao encontro de novas políticas e poéticas, como também atravessa as poltronas da arena do Sesc e chega às ruas de Copacabana.

Ali, do lado de fora, o olho faz um giro de 360, alcança orlas, morros, estádios e patrimônios, encontra motoristas, ambulantes, empresários e universitários, e retorna ao lado de dentro, imenso, aceso, abrilhantado

pela luz do dia. É esse olhar que agora ilumina a caixa preta do teatro.

Falo do que vejo a partir de um ponto de vista sobre esse espaço no exato ponto onde estamos: numa sala de ensaio com um chão crepado em formato de arena, um grupo de artistas se encontra, trocam ideias sobre arte, política, cidade, família, trocam afetos, sensações, percepções, desejos, provocam somas, divisões e atravessamentos.

Concreto Armado é tudo isso e mais um tanto, é pra mim e pra todos. É o quanto um nome pode agregar de todo um mundo feito de gente.

Flávia Naves, atriz

Dezembro, verão de 2013. Acordo sob um sol forte e me dirijo à Praia do Flamengo para pegar o 433. Faz um calor intenso e sou com sono tentando digerir um suco de laranja. Estou sem óculos escuros e sou involuntariamente tragado para o escuro dos olhos a fim de enxergar melhor, ainda que quisesse alcançar a imensidão da luz. É domingo, então o trânsito está livre e algumas pessoas se distraem no Aterro. O ônibus chega e logo me deparo com o trocador sentado no banco de um dos passageiros com as pernas pro alto. Relembro que é domingo e procuro um assento que me dê conforto igual. Após a arrancada do ônibus, sou lançado para frente, levo um susto com o barulho forte do motor e me firmo contra os solavancos que o veículo produz. Decido me sentar em um banco qualquer, por medida de segurança. O fluxo segue sem engarrafamento, mas mesmo assim

testemunho alguns gritos vindos da rua chamando a pobre mãe do motorista de puta por ele não ter parado no ponto. Encosto a cabeça no vidro embaçado e vejo o calor produzir ondas no asfalto. A imagem se distorce, borrando as árvores, e me intrigo com a péssima qualidade dos ônibus em contraste com a tarifa abusiva. Aproximo mais o olho do vidro e brinco de ver a paisagem da cidade estiolada com o som sufocante do motor ao fundo. Ao passar pelos Arcos da Lapa, tenho a sensação de que ainda é sábado à noite e tudo vai demorar muito para descansar. De forma hipnótica, mantenho o olhar pela janela, desejando que meu pensamento se silencie. O ônibus faz uma curva tão brusca que resolvo me agarrar à barra de ferro à frente para manter a estabilidade no banco e percebo a minha mão absorver a gordura do plástico, ao mesmo tempo em que observo a sujeira

da rua dividir espaço com um homem que dorme profundamente no chão e tem as mãos por dentro da calça, segurando o pau. Não sinto mais sono e capturo um filete de ar fresco – é quente demais aqui dentro. Passo por ruas com nome de professor, general, presidente, engenheiro, comandante, marinheiro, até chegar à Tijuca, bairro no qual alguns meses atrás fugi de bombas de gás e balas de borracha lançadas pela polícia numa manifestação contra a Copa do Mundo. Sorrio ao me lembrar da crise de tosse que uma amiga teve sob efeito do gás lacrimogêneo numa situação semelhante, poucas semanas antes, no centro da cidade. Ela gritava que estava morrendo repetidas vezes enquanto corríamos, encurralados, fugindo da truculência policial. Sorrio com esta lembrança e não entendo por quê. Sorrio muito apesar de não querer, sorrio apesar do calor, sorrio apesar de.

Ao chegar na sede, ali em Vila Isabel, uma moradora do prédio, claramente em surto psicótico, se encontra em frente ao edifício. Ela parece indignada, reclama e xinga alguém que desconheço. Identifico-me com a situação e subo as escadas contaminado pela fúria das suas palavras, e penso no movimento que o bigode fazia enquanto a boca profetizava uma desgraça. Subo os degraus de dois em dois para compensar a estranha sensação de que algo terrível pode tomar a cidade. O esforço me faz subir rápido os lances de escada e me sinto preparado para um desafio bobo. Formamos uma roda no chão de piso frio – não há sofá nem cadeiras neste dia, então, nos acomodamos no duro mesmo. Iniciamos as falas sobre o despreparo da polícia, sobre o Rio de Janeiro, as reformas na cidade advindas do evento esportivo, sobre os direitos dos manifestantes,

e buscamos extrair materiais para a criação. Algumas pessoas ficam indignadas enquanto falam, outras contam relatos e se emocionam, alguns permanecem em silêncio estranho, mas, de maneira geral, todos os presentes estão insatisfeitos. Os cigarros, parece que por força da causa, acendem desmedidamente. Em meio à conversa, percebo que faltam ao piso dois ladrilhos quadrados, que revelam a base de concreto puro do chão da sala, como duas peças que precisam ser encaixadas. Percebo de súbito que a parede em que estou encostado se constitui do mesmo material dos espaços de cimento revelados. Sinto a minha coluna apoiada na parede e forço uma leve pressão para trás, numa espécie de embate entre corpo e concreto duro. Devido ao esforço, o suor escorre pela nuca misturando-se ao pó da parede, e uma massinha de

cimento com teor de lama rola pelas minhas costas. Arrepio brusco. Atrevo-me a pressionar mais forte e provocar um microdesmoronamento desta massa pelos meus poros e pele, até se emaranharem na armadilha dos pêlos. A parede está fria, sinto a superfície áspera e imagino minha boca colada aos quadrados vazios do chão. Sinto gosto de cimento e tenho vontade de cravar os caninos na pequena estrutura de concreto. Desisto da pressão, com receio de me arranhar. A luta duraria muito tempo e, por agora, não quero me machucar. A exaltação das palavras buscam formas de coexistir na cidade por vias mais sadias, tentam validar a experiência democrática e abrir os olhos para a covardia que assola o Rio de Janeiro. Retorno à casa, quatro-três-três, e revejo a paisagem com excitação. As curvas me causam pequenas doses de adrenalina, tomo a colar os olhos

103

na janela. Alguma coisa, pelo menos em mim, parece destruída para ser reformada. Agito as pernas com urgência e pequenos saltos fazem meus pés darem chutes tímidos em algo que não sei nomear. Tenho vontade de gritar por mudança e dividir com as pessoas no ônibus que eu me modifiquei nas últimas horas e que as coisas ali na rua não vão nada bem. Desço com medo de que ninguém me escutasse sinceramente e vejo o coletivo sumir com aqueles desconhecidos. Ao chegar em casa olho para o Verão, meu gato, e nos deitamos fitando o teto, a fim de driblar o tédio, à espera de como a segunda feira irá começar.

Gunnar Borges, ator

Pela terceira vez participo de um espetáculo do Teatro Inominável, firmando uma parceria que começou em 2011. É sempre um prazer imenso – e, sem dúvida, também um enorme desafio! – trabalhar com essa galera tão inquieta e disposta a se arriscar. Uma oportunidade de estabelecer diálogo e pensar o meu lugar e a minha responsabilidade com relação à cidade onde vivo. Que essa reflexão se estenda à plateia! É o que desejo.

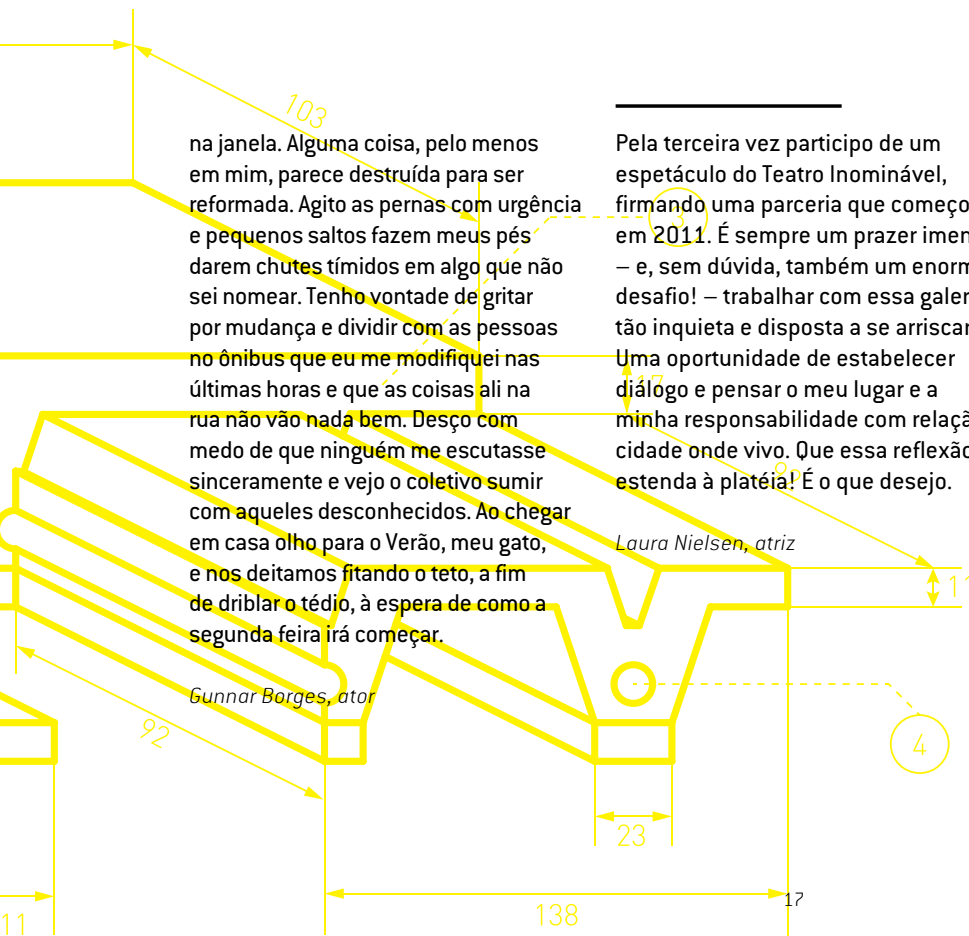
Laura Nielsen, atriz

Eles são jovens. Eles são destemidos. Eles querem quebrar tudo, querem fazer do jeito deles, querem inventar um jeito novo de fazer as coisas no teatro, na política, na vida.

Desde que os conheci na Faculdade senti uma grande esperança, um grande contentamento. Porque não tem nome o que ainda está por vir. Mas tem voz, tem corpo, tem coragem: são os Inomináveis! E com eles renovei minha fé no teatro e - por que não? - na capacidade humana de não se conformar.

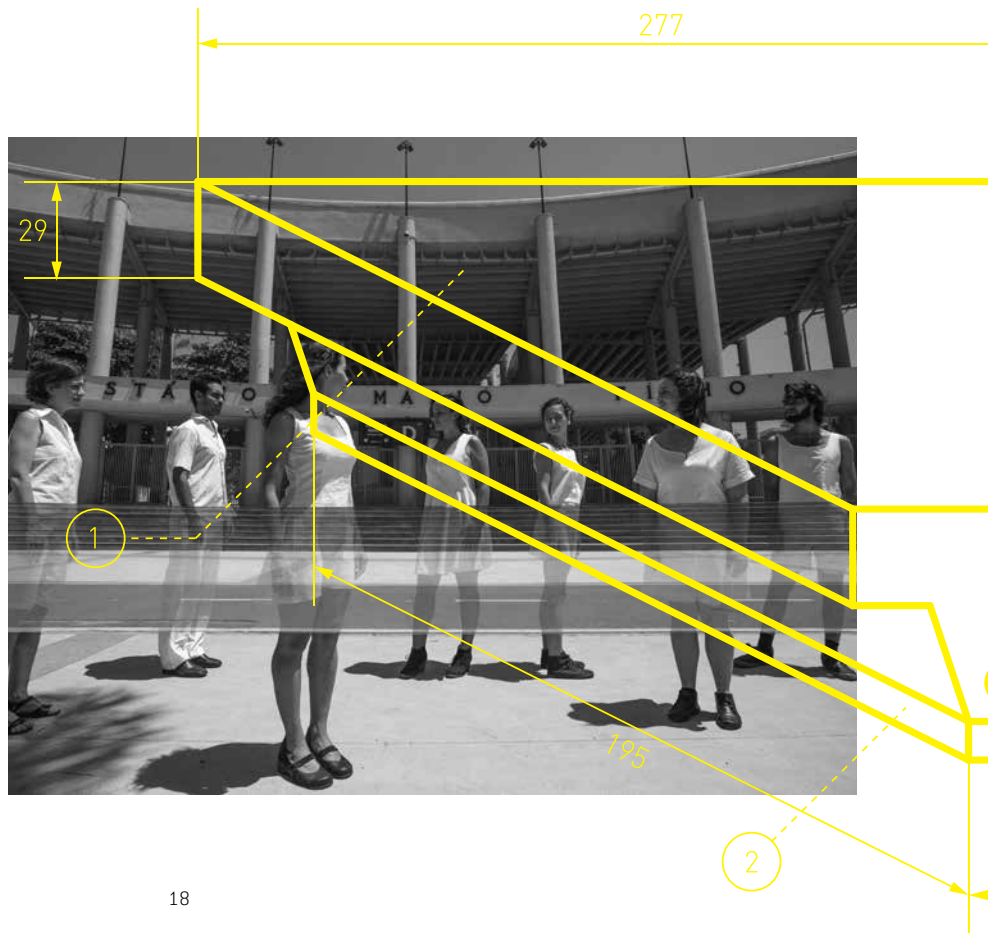
Resta falar do amor. Amor por cada um. Amor, cimento humano.

Marina Vianna, atriz



Estou em Concreto Armado para, mais que tudo, olhar. Antes de tudo, olhar. Meus olhos oferecidos às horas de ensaio, meses após essas horas terem começado. Estou em Concreto há pouco, tão pouco, que meus olhos precisam ser urgentes. E, venho aprendendo, urgência pede calma. Acalmo meus olhos para, junto, enxergar além. Além do quê? Existe o quê? Peça, já existe? Querem meus olhos urgentes e calmos para, junto, enxergar a peça? Não, claro que não. Querem meus olhos para olhar os deles e enxergar a potência, a dúvida, a inquietação, a ambição, a juventude, a inocência, o desespero, a busca, a beleza legítima de olhos que tem a arte como opção de ver. Olhos dilatados, tentando vencer escuridões. A peça existe. Além dela, a vida. Existe o quê? Existem ainda espelhos d'água, círculos imperfeitos, que nos invertem, nos encharcam, nos unem.

Marcela Andrade, diretora assistente



EQUIPE DE CRIAÇÃO

Direção

Diogo Liberano

Dramaturgia

Diogo Liberano

Keli Freitas

Diretora Assistente

Marcela Andrade

Estagiária de Direção

Taís Feijó

Elenco

Adassa Martins (Riane)

Andréas Gatto (Paola)

Caroline Helena (Antonia)

Flávia Naves (Virgília)

Gunnar Borges (Alexandre)

Laura Nielsen (Glória)

Marina Vianna (Manuela)

Trilha e Direção Musical

Luciano Corrêa

Música incidental "Sobre Canecas e Chá"

Léo Fressato

Cenário

Elsa Romero

Figurinos e Visagismo

Marina Dalgarrondo

Iluminação

Renato Machado

Assistente de Iluminação

Lívia Ataíde

Preparação Corporal > Paisagens Afetivas

Maíra Gerstner

Assessoria de Imprensa

Bianca Senna > Astrolábio Comunicação

Mídias Sociais

Teo Pasquini

Fotos

Paula Kossatz

Vídeos de divulgação

Philippe Baptiste

Projeto Gráfico

Lebre Azul

Operação de luz

Lívia Ataíde

Operação de som

Philippe Baptiste

Cenotécnico

Derô Martins

Contrarregras

Érica Lemos de Souza

Fabiana da Silva

Costureira

Selma da Silva

Assistente de Produção

Ramon Alcântara

Produção

Dani Carvalho

Tamires Nascimento

Artistas-Pesquisadores (UFRJ)

Bruno Marcos (pesquisa "Poéticas da negação")

Natã Lamego (pesquisa "O Trágico e a Cena Contemporânea")

Realização

Teatro Inominável

103

29

3

23

219

19

11

AGRADECIMENTOS

Adriana Schneider, Alberto Campos, Alessandro Costa, Aloisio Campos, Amanda Vides Veras, Ana Carolina Sawen, André Coelho, André Lepecki, Andrea Copeliovitch, Antoine Rey, Arthur Seabra Espinossi, Beatriz Radunsky, Bia Junqueira, Carlos Vainer, Carmem Gadelha, Carol Panesi, Carolina Calcavecchia, Cesar Augusto, Chris Ayumi, Cleimar Rocha, Cristina Barbosa, Daniel Chagas, Davi Palmeira, Denise Stutz, Dominique Arantes, Eleonora Fabião, Eneida Gatto, Felipe Ribeiro, Festival de Curitiba, Gabriela Lírio, Gustavo Cantidio, Helene de Reymaeker, Henrique Fontes, Hugo Grativol, Iacy Figueiredo, Inessa Azevedo, Inez Vianna, Isabelle Cabral, Isadora Petrauskas, Ivana Bentes, Jô Bilac, Joana Guimarães, João Cantidio, João Gabriel Ribeiro Correa,

João Pedro Madureira, José Liberano Neto, Júlia Marini, Julia Pina, Julianne Trevisol, Kelly Ezaki, Larissa Guerino, Laura Leão, Leandro Bacellar, Leandro Knopfholz, Lívia Flores, Luciana Romagnoli, Luiz Henrique Sá, Manoel Friques, Maria Gabriela Liberano, Maria Vilma Cabral, Marina Nagib, Marly Vasconcellos, Miguel Werneck, Nina Balbi, Pablo Sanábio, Patricia Vasconcellos, Paulo Verlings, Quiteria Kelly, Rafael Medeiros, Renato Carrera, Roberto Leher, Ronald Duarte, Sávio Moll, Sergio César, Suellen Corleone, TEMPO_FESTIVAL das Artes, Thaís Grechi, Thayta Vasconcellos, Ubirajara Vieira, Valcy Cambraia Ribeiro, Valeria Vasconcellos, Viniciús Arneiro, Viviane Maria Liberano Ribeiro e Yara Balboni.

In Memoriam > Gleise Nana

TEATRO INOMINÁVEL

Criado em 2008, no Rio de Janeiro, pelo encontro de Adassa Martins, Caroline Helena, Diogo Liberano, Flávia Naves e Natássia Vello, artistas-pesquisadores com graduação em universidades públicas brasileiras (UERJ, UFRJ e UNIRIO).

Em seu repertório, quatro espetáculos: NÃO DOIS (2009), criado da obra Paso de Dos do dramaturgo argentino Eduardo Pavlovsky, resultando num drama sobre um torturador e uma torturada e a possibilidade do horror e do afeto coexistirem num mesmo gesto; VAZIO É O QUE NÃO FALTA, MIRANDA (2010), criado a partir da obra Esperando Godot de Samuel Beckett, apresenta as quatro atrizes da companhia e o diretor tentando encenar a peça de Beckett, no entanto, sem obter sucesso; COMO CALVAGAR UM DRAGÃO (2011) apresenta o

reencontro de cinco amigos dois meses após o suicídio de uma amiga em comum, num drama sobre como ultrapassar um problema que não admite solução; e SINFONIA SONHO (2012), tragédia contemporânea criada a partir do romance Precisamos falar sobre o Kevin, de Lionel Shriver, da obra O antiédipo, de Félix Guattari e Gilles Deleuze e do massacre de crianças ocorrido em abril de 2011 na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro.

Com seus espetáculos, a companhia já percorreu diversos estados brasileiros e festivais de destaque, tais quais: TEMPO FESTIVAL das Artes (Rio de Janeiro/RJ), Festival de Teatro de Curitiba (Curitiba/PR), Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente (Presidente Prudente/SP), Festival Estudantil de Teatro (Belo Horizonte/

4
MG), Festival Palco Giratório (Porto Alegre/RS), Mostra Rumos Cultural (São Paulo/SP), dentre outros.

184
Todos os processos de criação do Inominável são registrados em blogs. Nestes blogs, compartilhamos intuições do projeto, relatórios de ensaios, fotografias e vídeos de processo, bem como toda e qualquer produção realizada pela equipe de criação.

São eles:

Não Dois
naadois.blogspot.com.br

92
Vazio É O Que Não Falta, Miranda
desesperandogodot.blogspot.com.br

Como Cavalgar Um Dragão
atravessar.blogspot.com.br

5
Sinfonia Sonho
oantiedipo.blogspot.com.br

Concreto Armado
armadoconcreto.blogspot.com.br

Teatro Inominável
www.teatroinominavel.com.br
teatroinominavel@gmail.com
facebook.com/teatroinominavel
vimeo.com/teatroinominavel
twitter.com/_inominavel

Concreto Armado estreou em 26 de março de 2014, no Teatro Paiol, integrando a Mostra 2014 do Festival de Curitiba/PR.

Temporada de estreia na Arena do Espaço Sesc
3 a 27 de abril de 2014.

AÇÕES COMPLEMENTARES À TEMPORADA

Encontros > Arte e Política

Dois encontros gratuitos, cada qual com dois convidados, buscando articulações possíveis entre os domínios da arte e da política e reflexões sobre a possibilidade da arte como agente de formação e transformação política.

**Terça, 15 de abril de 2014,
das 18h às 20h,
na Sala Multiuso do Espaço Sesc.**

Convidados

Carlos Vainer > urbanista, professor da UFRJ

Ronald Duarte > artista plástico e urbano, mestre pela EBA/UFRJ

**Quarta, 16 de abril de 2014,
das 18h às 20h,
na Sala Multiuso do Espaço Sesc.**

Convidados

Eleonora Fabião > *performer* e teórica da performance, professora da UFRJ

Ivana Bentes > ensaísta e comunicóloga, professora da UFRJ

Oficina > Performance como Processo

Oficina gratuita destinada a atores, diretores e dramaturgos interessados na pesquisa sobre como a experiência performática pode desdobrar a criação cênica e dramaturgica. A performance vêm sendo o alvo investigativo do Teatro Inominável desde 2008, quando iniciaram-se os encontros para a criação do primeiro espetáculo da companhia. A oficina será ministrada pelo diretor e dramaturgo Diogo Liberano (contando com a presença da dramaturga Keli Freitas e do elenco do espetáculo).

**Quartas, Quintas e Sextas,
16, 17, 18, 23, 24 e 25 de abril de 2014,
das 13h às 18h,
nas Salas de Oficina do Espaço Sesc.**

**Inscrições de 1 a 8 de abril pelo e-mail:
espacosesc.faleconosco@sescrio.org.br**

APOIO INST.

APOIO



103

CONVERSE



3



STAMPPA SIGN
GRUPO GRÁFICO

PARCERIA



17

22

GALPÃO GAMBOA



Yoga 1



Miryam Both 4



via mia

138

11



14

Não jogue este impresso em via pública. Recicle.



Rua Domingos Ferreira, 160
Copacabana
Tel.: (21) 2547-0156

Nº do Alvará de Funcionamento P Municipal: 201585 | Validade: Indeterminada
Nº do Certificado de Registro de Diversões Públicas CBMERJ: 243/2013 | Validade: 30/11/2014

Realização



Parceria

